

A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 36 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 25 de Novembro de 1924

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34
MINERVA RIBEIRO, Guimarães

Portugal está de luto

Há vinte e nove meses apenas, mercê da abnegação sublime de dois ousados marinheiros que, nos ares atlânticos, em busca da Glória e da Honra para as armas portuguesas, deixaram um rasto de fogo, indicando a humanidade o caminho que a alma lusitana seguiu para ir beijar a alma brasileira, há vinte e nove meses sómente, que Portugal, sentindo em si correr o sangue das descobertas e conquistas, da aventura e do triunfo, se ergueu da letargia em que de há muito se aprofundava.

Toda uma humanidade estupefacta, maravilhada com o que via, fica-se embriagada na contemplação da audácia de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, dois homens que os seus irmãos olhavam como deuses, tão cheio de maravilha e de sacrifício foi o seu gesto que a Pátria despertou, e, cujos nomes, não há lábio português que os não pronuncie com a mesma fé e a mesma esperança e a mesma sinceridade com que os devotos resam suas orações. Em todo o mundo, tal como noutros tempos, um nome unico se pronunciou ou leu, um nome ecoou por todos os recantos terrestres, um nome que per si só é respeito e admiração:—Portugal!

Quem esqueceu a epopeia magnífica do pequeno «Lusitania» que em nosso pensamento aparece como águia mortalmente ferida, ou a chegada triunfal do branco «Santa Cruz» ás terras de Além-mar?!

Quem não recorda ainda hoje, o vôo fantástico dos seus tripulantes, quem se não lembra das horas de alegria e incerteza, da ansiedade e comoção, ou olvidou o entusiasmo, o delírio daqueles instantes supremos de ventura que se viveram em junho de 1922?!

Todo um passado de glórias e triunfos ressurgiu, toda uma história fulgurante se repetiu! A História de Portugal! A História de um povo que, afogado em amarguras e desditas, sempre venceu, sempre sorriu e viveu, a História de lances e gestos admiráveis de bravura da nossa Pátria, cheia de encanto, feita de glórias e lutas, soberba e tran-cendente de beleza e valentia, é hoje maior

ainda, mais grandiosa, mais pura e bela, porque a adorná-la ainda mais com o sacrificio que nos comove, surge no seu final, há bem poucos dias, as figuras varonis de novos herois, soldados e marinheiros, como nas eras do nosso máximo esplendor.

Mas na sua austeridade, no por vezes amêno correr das suas ondas, o Oceano que não perdoa, ocultou o ódio talvez, pela Raça que o venceu, escarnecendo das suas suas iras e impetuosidades, e, como que ciumento dos ares, esperou a hora da vingança que por fim souou, em todo o seu aspecto de crueldade.

Sacadura Cabral morreu! Morreu no seu posto de honra e de sacrificio, trabalhando pelo bem da Pátria, quando ao cortar as ares em demanda da terra querida, fazia bater as azas de uma nova ave que êle adextraria por certo, para o alcance de novos triunfos e novos trofeus de glória! Mas esta, traiçoeira e maldita, arrastou-o em vertiginosa corrida, numa queda de morte, arremessando-o e ao seu fiel companheiro, o leal português Correia, para os abismos do mar!...

Nenhuma esperança nos alenta já, nenhuma fé nos anima ou aquece, e o mistério insondável da sua perdição para sempre ficará no seio das ondas alterosas dos Mares do Norte.

Choremos juntos com Gago Coutinho, seu leal camarada e companheiro de glórias, de aflição e contentamento, choremos todos a perda do grande aviador português, que, com as suas façanhas, conquistou triunfos que enriqueceram de formosura, arrojo e amor pátrio, a nobre História da Raça portuguesa.

Oração de dôr e amargura, oração sentida, a que todos devemos resar de joelhos!

Oração de um povo, que chora porque sente, oração duma Pátria por um dos filhos mais valentes e destemidos, em quem orgulhosamente se apoiava.

Oração de irmãos, a nossa deverá ser, enquanto tremula, envolta em crépes, a bandeira portuguesa orvalhada com as lágrimas dos patriotas!

Orai, lusitanos! Portugal está de luto!—H. C.

Uma glória vimaranense

Abel Cardoso

Abel Cardoso alcançou um verdadeiro triunfo em Lisboa.

Artista-poeta, recatado em extremo, a sua arte «portuguesíssima» guardava-a êle no ambiente do seu lar, longe dos olhos da crítica, não lhe maculassem as combinações e os esbatidos que o seu próprio espirito idealisara após longo estudo.

Temia os exhibicionismos.

Só um ou outro amigo tinha o direito de apreciar a sua obra, e mesmo assim, Abel Cardoso parecia odiar as visitas.

Produto da sua imaginação, as suas telas pertenciam aos seus olhos.

Um dia, talvez influenciado, Abel Cardoso resolveu-se a mostrar aos portugueses a sua obra.

Longos e honrosos artigos de crítica o receberam. Principiava a recompensa do seu trabalho...

Procurou ir mais longe, a um meio que fôsse considerado verdadeiramente artistico—Lisboa!

O triunfo chegou, completando-se tudo o que havíamos silogisado:—Abel Cardoso seria uma glória vimaranense.

E' que o pintor do Minho encarnou bem a paisagem da sua região, quer desafiando canticos de espuma e idealizando poentes ensanguentados, quer resando humildade feita préce, desfolhando frias neblinas pelos descampados e espalhando reverberos de luz...

«A Razão» felicita S. Ex.ª, orgulhosa da sua terra e do grande Artista que a dignificou.

Monumentos

Nem agora, com a morte do heroico Sacadura Cabral, será concluido o monumento que pensaram levar a efeito no alto da nossa encantadora Penha, perpetuando a gloriosa travessia do Atlantico?!

Nem agora, senhores patriotas?!

Nem agora, senhores baírristas?!

Nem agora, senhores vimaranenses?!

—E ainda querem dizer que Guimarães é uma terra de progresso e onde se não esquecem a heroicidade dos nossos compatriotas!...

Lêle e propagai

“A RAZÃO,”

Semanário republicano.

A MORTE DA AGUIA

A' memória do heroico Sacadura Cabral

*Fitando o Sol, a águia altaneira
Erguera-se num vôo triunfal!
E, em ânsia infinita, perenal,
Demandava a mais alta cumieira.*

*Roçando estrelas já — audaz cegueira!
—A águia numa ânsia divina!
Quer ascender ao píncaro final,
A' fonte dessa luz, a luz primeira.*

*E no seu vôo infinito se elevava
A águia altaneira que fitava
Sempre longe, bem longe, a luz que a exorta.*

*Eis que chegou á meta desejada
Agora que da altura dominada
Exangue, inanimada, tomba morta.*

(INÉDITO).

H. ALMEIDA.

ALGUMAS PALAVRAS

SOBRE A

Exposição da Empresa Artística Teixeira Lopes

NA

SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

O arranjo e feição dum interior traduz, em certa medida, a educação e a moral das pessoas que o habitam. O bom senso e o bom gosto revelam-se e exteriorizam-se na expressão e na disposição dos objectos familiares que nos rodeiam.

A casa onde vivemos apresenta quasi sempre uma fisionomia que caracteriza a nossa própria fisionomia intellectiva. E' vulgar encontrarmos choupanas humilimas onde, atravez duma rudeza e duma pobreza limpa, se adivinha, aconchegada, a existencia duma alma sensível e duma inata e verdadeira intuição artistica, embora inconsciente; como é vulgar entrarmos em suntuosos palacetes de pessoas que se dizem cultas e que logo nos denotam, no primeiro relance, uma absoluta ausencia de bom gosto.

Assim, a ordem na disposição interior duma casa traduz indiscutivelmente—tranquillidade, paz; como o aceo da mesma casa é espelho dos hábitos de limpeza dos moradores, e como a simplicidade dos objectos—sinal de franquesa, bondade, honestidade. Igualmente a escolha e disposição dos mesmos objectos que enchem a casa, desde os mais simples e materialmente inúteis aos mais indispensaveis, revela claramente o grau de senso estético de quem os colocou e distribuiu pela habitação.

Ainda há quem tenha a falsa noção de que é preciso ser-se rico para se ter a casa bem arranjada. No sentido architectónico, talvez; não assim do seu recheio. Basta, por vezes, um

nada, uma disposição, um toque para comunicar ás coisas simples que nos cercam a graça divina da Arte, a emoção que nos enche a alma, irradiando e transbordando em volta de nós.

E' lugar comum dizer-se que o português, aventureiro, irrequieto, instavel, jamais teve o culto sedentario da sua casa, a que não ganha amor; como é conhecida a veneração que certos povos, os ingleses, particularmente, prestam ao seu home, pobre ou rico mas sempre agradável, caricioso, confortavel. A nosso vêr, não advem, todavia, este maior ou menor apêgo ao lar duma tendencia ingênita contra a fixação e estabilidade, mas unicamente do grau da cultura artistica que nos dá aptidão para dispôr a casa de tal forma que, uma vez embelezada, nos atraia constantemente. A nossa casa transforma-se então na escola de todas as virtudes familiares.

O homem é um animal estruturalmente feroz. Dominado por uma necessidade de mutua defesa creou e aatou as leis humanas e subiueteu-se ao poder das super-humanas. Uma vez quebrado o receio das responsabilidades perante o semelhante e a divindade, não é tanto a consciencia moral e religiosa e freio capaz de dominar a irrupção brutal dos instintos latentes, mas muito principalmente a consciencia da beleza, a revelação da Arte traduzida no Amor universal. O pavor do fogo celeste não impediu os alemães de cometerem o sacrilégio do bombardeio da catedral de Reims; só o senso estético apu-

rado lhes poderia dar a medida do seu crime, atenuar a sua fúria de truidora, reviver um sentimento embotado. A lira de Orfeu amansava as feras...

E' por isso que todo o Artista verdadeiro tem sempre uma alma grande, bondosa, transbordando amor comunicativo aos corações capazes de vibrarem unisonamente com o seu.

Estas considerações ligeiras, parecendo um pouco desceadas tem sua ligação, e acudiram-nos ao espírito durante a visita á Exposição de esculturas reprodizendo algumas obras primas de Soares dos Reis e Teixeira Lopes, patente na Sociedade Martins Sarmiento até ao fim do corrente mês.

Sendo aberta com um intuito mercantil, tem apesar disso a grande virtude de contribuir para a educação do publico, de ensinar a ver e despertar o amor pelas coisas artisticas. Toda a obra d'Arte visa apenas a um fim—transmitir emoções puras, elevadas; não tem mesmo outra missão imediata. E os bronzes e barros expostos no Salão da «Martins Sarmiento», pela sua factura interessante e perfeita e pela sua graça adorável, eminentemente sugestiva, atingem por completo esta missão.

O commercio, se bem que indispensavel nas sociedades, é um ramo da actividade humana pouco nobre e bastante antipático, concordemos. Mas, como excepção, bem nítida, surge-nos este ramo commercial — a venda de objectos d'Arte. Abençoado comercio este que nos proporciona a posse em nossa casa, debaixo dos nossos olhos enlevados, no concheço perene dos nossos interiores (mediante quantias relativamente pequenas, algumas acessíveis a qualquer bolsa) desses adoráveis bibelots, dessas encantadoras figurinhas de melo palmo, que nos fazem evocar, a cada hora, a obra magnifica do grande artista que se chama Soares dos Reis e desse outro artista, igualmente grande, que se chama Teixeira Lopes!

E lembrarmo-nos, com tristeza, de que tantas e tantas pessoas preferem adquirir, extasiadas, detestáveis figurinhas de importação franceza, que só tem lugar próprio nas montras banais dos logistas!

de cada um, constituirá uma letra sacada que o Aceitante pagará com generosos juros na occasião solene e oportuna do seu vencimento.

Para os operários sem trabalho :

«Um grupo de Vimaraneses, condoendo-se da lamentavel situação em que se encontram os operários e suas familias, por falta de trabalho, devida á gravissima crise que se está atravessando, e que certamente não desaparecerá ou atenuará enquanto o câmbio se não estabilize, havendo já quem lute com a fome, teve a tam louvavel, quanto alevantada ideia de convocar uma reunião de individuos, orientados pelos principios da Caridade, que o pudessem auxiliar do seu ardente desejo de minorar o mais possível a compungente e horrivel situação daqueles necessitados, fornecendo-lhes uma sopa diaria.

Nessa reunião, assaz concorrida, foi calorosamente applaudida e acolhida com vivo, carinhoso e cordeal entusiasmo a iniciativa do prestante grupo.

Trocadas impressões, foram eleitas duas comissões, destinada uma a angariar meios e outra a administrá-los e dirigir a sopa.

No desempenho de tam nobre missão vão os abaixo assinados, membros da primeira comissão, esmolando, junto dos seus concidadãos, para os operários sem trabalho e sem pão, e todo o óbulo, preferivelmente mensal, dispensado, grande ou pequeno, conforme a disponibilidade e vontade

E' pois, em nosso entender, uma revelação de bom gosto ir ao Salão Nobre da S. M. S. visitar esta exposição franquada ao publico. E quem, por difíceis circunstancias de vida, de todo em todo não puder comprar, tem, pelo menos, o grande prazer de ver, admirar e aprender. Porque ali dentro há uma grande lição. E é justamente por isso que nós não precisamos lá encontrar apenas os raros, os abastados ou mesmo os remediados; queremos sim ver ali o povo humilde, aquele que moureja o pão de cada dia e cujo espirito inquieto e transviado tanto precisa de ser tocado pela divina graça da moral, da educação e da Arte.

A Lira de Orfeu domava as feras...

Restá-nos, para terminar, trazer aqui as nossas melhores saudações e parabens ao Ex.^{mo} Sr. Francisco Pereira Mendes, um dos rapazes cultos do nosso meio, que em Guimarães tomou a sua carga, sem interesse pessoal, a arroj da iniciativa duma Exposição tao bela quanto trabalhosa para elle.

N. R.—A Exposição que continua sendo exaoidariamente concorrida, continua aberta ao publico, todos os dias, das 11 ás 17 horas.

Na próxima quarta-feira, 26, abrirá igualmente de noite, das 9 1/2 ás 10 1/2 horas, de molde a facilitar mais a visita.

Até quinta-feira passada, vimos marcados os seguintes

Em Bronze:

N.º 9 e 71 — Para a Ex.^{ma} Sr.^a D. Luiza Margaride; N.º 18 — Para o Ex.^{mo} Sr. Abilio José da Cruz; N.º 20 — Para o Ex.^{mo} Sr. João Rodrigues Loureiro; N.º 4 — Para o Ex.^{mo} Sr. Luiza Margaride.

Em Barro:

N.º 17 — Para o Ex.^{mo} Eduardo Lemos Mota; N.º 17, 1 e 33 — Ex.^{mo} Sr. Manuel Moreira; N.º 59 — Ex.^{mo} Sr. Alilio José da Cruz; N.º 22 — Ex.^{mo} Sr. Dr. Moura Machado; N.º 15, 12 e 24 — Ex.^{mo} Sr. Mário Cardoso; N.º 26 e 5 — Ex.^{mo} Sr. João Rodrigues Loureiro; N.º 12 e 24 — Ex.^{mo} Sr. Manuel Pereira Mendes; N.º 31 — Ex.^{mo} Sr. Gervasio Campos de Carvalho; N.º 19 e 24 — Ex.^{mo} Sr. J. da S. G.; N.º 34 — Ex.^{mo} Sr. Luiza de Lima Custodi; N.º 44 e 48 — Ex.^{mo} Sr. Albino Ribeiro; N.º 79 — Ex.^{mo} Sr. D. José Ferrão; N.º 5 e 45 — Ex.^{mo} Sr. Manoel Martins Fernandes Guimarães; N.º 46 e 5 — Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida.

Continua.

vem o apêlo, nem tampouco a situação angustiosa dos operários desmerece compaixão.

E' admissivel o peditório, mas devemos lembrar que, nas condições em que vai ser feito, pouco ou nenhum resultado será colhido porquanto o commercio, sobrecarregadissimo como está, não poderá corresponder ao apêlo como seria seu desejo. Além disso, foram ou não consultadas as diversas classes operárias e o respectivo assentimento foi ou não favoravel?

Duvidamos, e oxalá o desejo de bem fazer se não transforme em ódio.

A ver vamos...

Um pequeno intervalo...

Motivos de força maior e bem contrários á nossa vontade obrigam-nos a interromper por um ou dois números a campanha que dignamente e sem reboço levantamos a propósito da sinistra, da maldita instalação electrica, da qual é concessionária a conhecida firma Bernardino Jordão & Filhos.

Apenas um compasso de espera.

Andamos tambem a colher informes a respeito de um desastre occorrido, ha pouco tempo, para os lados do cemitério, desastre de que resultaram graves ferimentos de um pobre velhinho e a morte do «Bragas», sendo causa, não a rede electrica, mas um automovel da referida firma.

Mas o facto de dizermos que vamos interromper por um ou dois números a nossa campanha, não impede de continuarmos a perguntar:

—Quem será a nova vítima da criminoso instalação electrica?...

Florencio Lage

Este nosso presado amigo, que entre nós goza das maiores simpatias, tem passado ligeiramente encomodado.

Sentimos devéras e devéras desejamos o rápido restabelecimento do honrado e respeitavel cidadão.

Falecimento

Dr. Alvaro Bastos

Faleceu há dias este vimaranense illustre, irmão do sr. Dr. Antonio José da Silva Bastos Junior.

Não o conhecemos bem. Contudo transcrevemos parte da correspondencia de Guimarães para o «Comercio do Porto» que supomos ser da autoria de alguém que com elle conviveu muito de perto e manteve grande amizade:

«Com a morte do saudoso dr. Alvaro Bastos, perde Guimarães mais uma das suas figuras de grande relevo social, um dos seus filhos mais notaveis, dos mais prestimosos e dos mais justamente considerados dos nossos tempos.

O dr. Alvaro Bastos, por quem uma terra inteira mantinha sincera veneração, foi um perfeito homem de bem, um amigo lealissimo, um professor illustre, conseguindo pela sua bondade, talento e primorosa educação o respeito e a melhor estima de todos aqueles que tanto se honraram com a sua convivencia e que dele se lembrarão sempre com a mais profunda e enternecida saudade.

A illustre Familia enlutada, e muito em especial ao sr. Dr. Antonio Bastos, apresenta a «A Razão» sentidas condolências.

Ainda as peixeiras...

E' de extranhar que providencias não tivessem sido tomadas para que, livremente, se possa transitar pelos passeios da Rua de Paio Galvão sem necessidade de saltar taboleiros com sardinhas!...

E' de extranhar que os muitos zeladores façam vistas grossas, na expectativa talvez... de gratuitamente encherem-se de sardinhas, mediante o despréso pelo Código de Posturas!...

Mais para extranhar é ainda o uso e costume de se não atender reclamações justas, só porque as faz um jornal republicano independente que se intitula «A Razão»!

Eternamente a clamar no deserto!

Aguardaremos e diremos da nossa justiça.

Instrução Primária

Foi comunicada para a Direcção Geral a necessidade de ser nomeada uma professora interina para o 3.º lugar da escola de Caldelas-Taipas, em vista da sua grande frequência no mês de Outubro findo.

E' grande a concorrência á escola primária geral desta cidade—antiga central. A matrícula atingiu naquele mês 334, sendo de 297 a frequência média. Continua a matrícula.

Quinta

Vende-se o «Casal da Fira» situado na Cruz d'Argola, junto á estrada, e distante da barreira 300 metros. Tem bela casa de senhorio, caseiro, etc. Para ver e tratar na mesma.

A' última hora

Dizem-nos que a briosa Academia Vimaranesa, movida por um sentimento patriótico e digno, resolveu não levar este ano a efeito as festas nicolinhas, em virtude do luto que neste momento cobre a alma portuguesa devido á trágica morte de Sacadura Cabral, glória da aviação mundial.

Igual procedimento teve a mesma Academia em 11 de Novembro de 1831, quando da morte de D. Pedro V.

Tão nobre resolução honra sobremaneira a mocidade estudiosa da nossa terra.

ANUNCIO

(1.ª Publicação)

No dia 7 do mês de Dezembro próximo, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, se hão de arrematar a quem mais der sobre a avaliação, os bens separados para pagamento do passivo aprovado no inventário orfanológico a que se procede por óbito de Eduardo Martins, viuvo, de S. Miguel das Caldas, desta comarca, e em que é cabeça de casal Josefa Pereira, da mesma freguesia, sendo esses bens:

Um prédio urbano e rústico, chamado do MATO, sito no lugar do mesmo nome, da freguesia de S. Miguel das Caldas, no valor de 6.352.500

Guimarães, 15 de Novembro de 1924.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Amadeu G. Guimarães.

O escrivão do 3.º officio,

Luiz Candido Lopes.

Devido á

MELHORIA GAMBIAL

Grande baixa de preços em todos os artigos

PARA SE VENDER BARATO: NAO SE VENDE A CRÉDITO

VENDAS SÓ A DINHEIRO DE CONTADO

Benjamim de Matos & C.^a, Lim.^{da}

Toural, 105 — GUIMARÃES

Correspondente da Campanhia de Seguros

ADAMASTOR

com um capital de DOIS MIL CONTOS.

Representantes das Máquinas de Escrever TORPEDO

UMA DAS MELHORES MARCAS HOJE NO MERCADO

Máquinas e Lâminas para barbear, sistema GILLETTE.

«A Razão»

Semanário Republicano

Ex.^{mo} Sr.